

O poema a seguir, extraído de *Exit, Civilian*, é uma homenagem a Graciliano Ramos.
Por Idra Novey, tradução de Flávia Rocha. Para ler mais:
<http://www.idranovey.com/books/exit-civilian>

Memórias do Cárcere

Uma ilha de jacas e quedas de
eletricidade. O cintilar de lagartos
sobre muros e a demolição tão
recente de uma prisão que todo
mundo tem ainda uma versão de
como ela desabou—todos os
pássaros que explodiram das
árvores.

Dúzias e dúzias, diz a mulher em
meio ao um chiado de peixe.

Centenas, diz o homem com um
palito de dentes querendo levá-la
para casa.

A conversa sobre pássaros se volta
para os prisioneiros.

Todos assassinos, diz a mulher.

Nem um terço, diz o homem, eram
esquerdistas com ombros em osso.
Era uma prisão daqueles tempos.

O homem e a mulher ficam em
silêncio. Pequenos siris se
arrastam para seus buracos na
areia.

Pelo menos eles podiam vagar
pelas praias, diz a mulher.

Histórias para dormir, diz o
homem.

Tão verde aqui, Graciliano, esta ilha de lagartos onde você ficou preso. Toda noite os raios derrubam mais jacas das árvores, e o ar açucarado de aromas quando elas se partem na floresta, pétalas sobre as celas onde estive trancado por romances que nenhum de seus acusadores saberia nomear.

Quanto aos prisioneiros, seus ossos ficam mais leves numa vala perdida, mas ninguém sabe dizer onde as cobras fazem ninho, quais trilhas levam às praias e árvores onde macacos-aranha cantam.

Quando falo paraíso, não é com desrespeito. É pelo cintilar de lagartos no parapeito da janela e o aroma noturno de jaca, é por este pedaço de selva a apenas cem quilômetros do Rio.

Verde suficiente para apagar tudo que não seja planta ou febre de dengue, mosquito ou céu.

Memórias do Cárcere

An island of jackfruits and great gaps in electricity. The flicker of lizards across walls and the demolition of a prison so recent everyone still has a version of how it fell—all the birds that exploded out of the trees.

Dozens and dozens, says a woman over the sizzle of a fish.

Hundreds, says a man with a toothpick hoping to take her home.

Their talk of birds turns to inmates.

All murderers, says the woman.

Not even a third, says the man,
they were leftists with bony
elbows. It was a prison of the
times.

The man and woman fall silent.
Tiny white crabs skitter back to
their holes in the sand.

At least they could roam the
beaches, says the woman.

A bedtime story, says the man.

So lush here, Graciliano, this lizard island where you were imprisoned. Every night the lightning strikes more jackfruits out of the trees and the air sugars with their smell as they shatter into the jungle, petaling over the cells you were locked in for novels none of your prosecutors could name.

As for your inmates, their bones grow lighter in a lost grave, but anyone can tell you where the cobras nest, which trails lead to beaches and to trees where the spider monkeys sing.

When I go on here about paradise, I mean no disrespect. I say it for the flicker of lizards on the windowsill and the night smell of jackfruit, for this much wildness just sixty miles from Rio.

Enough lushness to erase everything that's not green or dengue fever, mosquito or sky.